DOI: http://dx.doi.org/10.17058/barbaroi.v0i0.7073

A DEFICIÊNCIA SIMBÓLICA NA SUBJETIVIDADE PÓS-MODERNA: BASES PARA UMA SOCIEDADE NARCÍSICA

❖

André Luiz Picolli da Silva
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará – Unifesspa – Brasil

Terezinha de Camargo Viana
Universidade de Brasília – UNB – Brasil

❖

Resumo
Na atualidade, o elevado grau de ocorrência de patologias narcísicas, tem feito com que muito pesquisadores nas áreas de psicologia e psicanálise considerem o narcisismo como uma tipologia psíquica característica da sociedade pós-moderna. Objetivando ampliar e aprofundar, a partir de uma perspectiva psicanalítica, a compreensão sobre a relação entre esses dois fenômenos, o narcisismo e a sociedade, o presente trabalho levanta a hipótese de que o surgimento do elevado grau de narcisismo na sociedade pós-moderna tem como um de seus fatores o esvaziamento do poder do conhecimento científico e do conhecimento tradicional que, simbolicamente, podem ser entendidos como figuras paterna e materna na sociedade atual. Partindo da premissa de que uma tipologia psíquica da sociedade se desenvolve de modo idêntico ao desenvolvimento psíquico do indivíduo, discute-se como o poder simbólico do Pai e da Mãe vem se enfraquecendo desde a segunda metade do século XX, a tal ponto que as instituições sociais não conseguem mais se configurar plenamente como objetos identificação e satisfação libidinal.

Palavras chave: Psicanálise, Narcisismo, Pós-Modernidade, Simbólico.

Considerações iniciais

Nesse começo do século XXI um intrigante fenômeno tem chamado a atenção dos pesquisadores em psicanálise e em psicologia clínica: o fato de que cada vez mais a sociedade contemporânea tem apresentado uma configuração narcísica. Desde a segunda metade do século XX (no período denominado como pós-moderno), vem se intensificando na sociedade a ocorrência de comportamentos individualistas e hedonistas, onde o ver e o ser visto, o parecer ser e o parecer ter, tornam-se um ideal de vida, como salientam Birman (1999) e Fuks (2011). Essa situação tem chamado a atenção de muitos autores contemporâneos como Birman (2006), Cardoso e Garcia (2010), Green (1998), Kehl (2005), Monti (2008), Nogueira (1999), Roudinesco (2000) e Wanderley (1999), que buscam compreender porque razão entre o final do século XX e esse início do século XXI o narcisismo tem se tornado um padrão de

manifestação psíquica, praticamente uma tipologia pós-moderna. Nessa perspectiva, o objetivo deste trabalho é ampliar esta discussão propondo hipóteses que auxiliem na compreensão da sociedade atual por meio de um estudo reflexivo de Psicanálise Aplicada.

Tendo-se como base as argumentações de Freud (1927/2006) e Rey-Flaud (2002), de que o desenvolvimento e estruturação psíquica de uma sociedade apresentam os mesmos princípios e padrões simbólicos que aqueles encontrados no desenvolvimento e estruturação psíquica de um indivíduo, partimos da ideia de que do mesmo modo como ocorre com um indivíduo (que estrutura um determinado padrão psíquico, a partir das defesas que realiza contra as angústias advindas das primeiras relações que estabelece no núcleo familiar), uma sociedade também irá se estruturar em torno de um determinado padrão psíquico que será formado a partir das defesas coletivas contra angústias advindas de relações idênticas (porém, em um contexto macro, que extrapola o núcleo familiar). Assim, entendemos que em uma sociedade existem instâncias ou instituições que assumem o lugar simbólico das figuras "paterna" e "materna" dessa sociedade (do mesmo modo como ocorre em um núcleo familiar), sendo que essas figuras podem ser simbolizadas na sociedade pós-moderna (como veremos mais a frente), pelo "conhecimento tradicional" (como representante da figura materna) e pelo "conhecimento científico" (como representante da figura paterna). Isto porque, a principal marca da sociedade pós-moderna é sua profunda relação com o conhecimento, tanto que constantemente no cotidiano, é comum nos referirmos ao período atual em que vivemos como a "era do conhecimento".

Aliado a isso, de acordo com Cardoso e Garcia (2010), o narcisismo exacerbado da sociedade pós-moderna possui como uma de suas bases o declínio do poder dos sustentáculos institucionais simbólicos da cultura. Nesse sentido, como também discutiremos mais a frente, acreditamos que uma das principais causas desse declínio é uma situação especial existente na atualidade, a saber: A figura simbólica do Pai na sociedade (ou seja, o conhecimento científico) apresenta-se como impotente e a figura simbólica da Mãe (ou seja, o conhecimento tradicional) apresenta-se desnutrida, quase morta. Desse modo, estando ambos saberes esvaziados de um poder centralizador, os mesmos são incapazes de se apresentar como objetos de identificação libidinal para os indivíduos que nascem na sociedade pós-moderna, fazendo com o que a libido de cada sujeito não seja projetada para o exterior (para esses símbolos culturais, para as instituições sociais), mas seja reinvestida sobre o próprio sujeito fazendo eclodir uma sociedade individualista, tipologicamente caracterizada como narcísica.

A origem dos padrões psíquicos nas sociedades: defesas contra o mal-estar surgido do conflito entre desejos naturais e exigências culturais.

A condição humana sempre foi um fator gerador de angustias para o Homem. A Razão, que tantas vezes foi mencionada como o grande elemento caracterizador do ser humano não foi capaz de trazer a tranqüilidade tão desejada, mostrando-se incapaz de esgotar questões fundamentais como: O que somos? Porque agimos como agimos? Existe algum sentido em nossa existência?

Apesar da impossibilidade de fornecer respostas definitivas a essas questões os diversos ramos do saber humano continuam buscando, no mínimo, fornecer respostas parciais que possam reduzir a angústia por elas suscitadas. Um exemplo desses saberes é a psicanálise, na qual, a ideia de que a angústia humana primordial surge de um conflito contínuo entre os desejos naturais e as normas culturais pode ser encontrada praticamente em toda a obra freudiana, talvez com maior destaque em *Totem e Tabu e Mal Estar na Civilização.* Nessas obras, Freud (1913/2006) e (1930/2006), ao explanar sobre o "Mito da Horda Primitiva" deixa claro que na sua concepção, para se tornar Homem, o humanóide primitivo teve que se submeter às exigências do grupo em troca de uma maior segurança oferecida pelo mesmo, dando origem assim ao "embrião da Cultura". Porém, Freud também demonstra que essa segurança oferecida pela Cultura não foi suficiente para evitar o desejo de realizar os impulsos mais primitivos oriundos da nossa base biológica, ou seja, da Natureza. Tal situação, como observam Rey-Flaud (2002) e Kehl (2009), consiste no centro dos conflitos psíquicos estudados por Freud que, de acordo com o contexto cultural em que ocorrem dão surgimento a configurações psíquicas específicas como, por exemplo, as neuroses histéricas, fenômeno tipicamente encontrado no cotidiano da sociedade em que Freud viveu.

Nesta perspectiva, como demonstram Birman (2006), Cardoso e Garcia (2010), Figueiredo (2009), Fuks (2011) e Wandeley (1999), diferentes contextos históricos, culturais e sociais (ou seja, diferentes estruturas de sociedade), irão impor exigências específicas sobre as pessoas inseridas nesses contextos, que responderão a essas exigências com determinados padrões de comportamento, ou podemos dizer, que criarão uma determinada estrutura psíquica para responder as exigências que lhes são apresentadas. Freud (1913/2006), de certo modo também nos faz chegar a esse pensamento quando vai se referir ao fato de que o "homem primitivo" apresenta uma forma de pensar muito atrelada ao "pensamento mágico infantil" com características próximas da psicose.

Tendo essa linha de pensamento como base é possível chegar à constatação, como referência Kehl (2009), de que os sistemas simbólicos específicos de uma cultura se relacionam

com as crianças em desenvolvimento nascidas nesta Cultura. Ou dito de outro modo, as crianças que nascem numa determinada sociedade, ao longo do seu desenvolvimento se depararam com valores culturais (que podem ser entendidos como manifestações do inconsciente de gerações anteriores que foram transferidos ou projetados em símbolos culturais específicos), estes símbolos, por sua vez, acabam por fazer exigências (emocionais, sociais, comportamentais, etc), para as quais o psiquismo da criança em formação desenvolverá padrões de defesa que favorecem o surgimento de determinadas estruturas de funcionamento psíquico.

Quando uma estrutura ou configuração psíquica "surge" repetidamente em um coletivo num espaço de tempo delimitado, essa estrutura pode ser entendida como uma tipologia psíquica específica dessa sociedade. Essa percepção (da relação entre padrões culturais e padrões de funcionamento psíquico) pode ser encontrada não só na obra de Freud ou de outros autores psicanalistas considerados clássicos como Reich (1980 e 2001), mas também na literatura contemporânea, por exemplo, com Birman (2006), Cardoso e Garcia (2010), Rey-Flaud (2002) e Rudinesco (2000), quando estes discutem como a sociedade atual, considerada a sociedade do espetáculo, visual e sem tempo, tem se configurado como uma sociedade narcisista.

Além disso, de acordo com que afirmam Cardoso e Garcia (2010, p. 67), "O esvaziamento das instituições e o declínio dos valores objetivos que nortearam outras épocas da sociedade ocidental vem produzindo apatia difusa que claramente se diferencia da infelicidade metafísica, do niilismo trágico ou mesmo da alienação..." Nesse sentido, a questão que se coloca para os pensadores da clínica e da cultura contemporânea é: Porque essa configuração? Porque dessa forma? A hipótese que aqui levantamos é que na sociedade pós-moderna, onde o conhecimento é visto como o principal elemento de poder, tal configuração ocorre devido ao enfraquecimento do poder (como verdade absoluta), tanto do conhecimento científico quanto do conhecimento tradicional, sendo que estes, simbolicamente em nossa cultura assumem o lugar de "figura paterna" e a "figura materna" nas sociedades moderna e pós-moderna.

O período moderno: as bases para o surgimento da configuração psíquica da sociedade pós-moderna.

Em muitos pontos de sua obra Freud chama a atenção para o fato das primeiras experiências infantis influenciarem fortemente na configuração do psiquismo do indivíduo, Freud (1905/2006, 1914/2006 e 1923/2006), por exemplo. Embora não haja uma referência direta feita por Freud sobre como os contextos sociais, políticos e econômicos da sociedade em

que um indivíduo vive configuram sua conformação psíquica, ele dá margens a essa compreensão quando explana sobre a relação entre o indivíduo e a cultura. (FREUD, 1913/2006 e 1930/2006).

Tendo isso como princípio, podemos inferir que dependendo da estrutura da civilização e das exigências de cada cultura específica, teremos configurações psíquicas específicas em lugares e tempos diferentes, Kehl (2009). Tomando a sociedade européia ocidental como exemplo (bem como o mundo ocidental influenciado por esse continente), podemos identificar que o período conhecido como "período moderno", teve uma estruturação política, econômica, social, moral, etc, muito bem delimitada. Foi o período marcado pela mercantilização, industrialização, fortalecimento da família nuclear e da vida privada, Birman (2006), Fuks (2011) e Lazzarini (2006).

O período moderno, que se estendeu do Século XVII até meados do Século XX se caracterizou, sobretudo, pelo domínio da Razão. Apesar de terem ocorrido vários eventos durante esse período no campo econômico e social que foram fundamentais para a humanidade, foi o avanço do pensamento racional marcado pelo triunfo do conhecimento científico sobre os demais tipos de conhecimento a principal marca dessa época. Com o advento desse novo modo de saber, o homem moderno centralizou suas relações de vida em torno de um símbolo cultural muito forte: o conhecimento produzido racionalmente por ele próprio, pelo seu "Eu", ou em outras palavras, a ciência.

A ciência moderna se transformou, como salientam Souza-Santos (2015) e Prigogine e Stengers (1991), no "mito moderno" capaz de fornecer respostas a todas as perguntas, produzindo todas as verdades, introduzindo limites rígidos e interditando outras formas de saber. Ou dito de outro modo, a ciência se configurou em um tipo de saber que agia tiranicamente contra qualquer coisa que questionasse sua autoridade. Dada essa configuração cultural, percebe-se que as características da ciência em relação a sociedade são muito semelhantes as características apresentadas pelo "pai totêmico" em relação aos "filhos" dentro da perspectiva da psicanálise. Por essa razão, assumimos como pré-suposto para a realização desta reflexão, a ideia de que a ciência ocupou para e na sociedade moderna o lugar simbólico (ou até totêmico), do "Pai". Por sua vez, esse "pai simbólico" (como descrito por Freud em Totem e Tabu), exigiu para si o controle sobre todas as fêmeas do grupo, ou seja, o "Pai" dominou a "Mãe", ou a "figura da mãe", que simbolicamente pode ser representada, no período moderno, pelo "conhecimento tradicional", holístico, mais ligado a terra, a natureza, visto ser esse tipo de conhecimento o que mais foi confrontado e transformado pela ciência. Como afirmam Prigogine e Stengers (1991, p.75): "desde que Newton, o novo Moises a quem as

tábuas da Lei foram reveladas, descobriu por meio da matemática, a linguagem que a natureza fala, nenhum segredo desta pôde ficar oculto ao cientista".

Configurações desse tipo não são algo inédito na história da humanidade e podemos até afirmar que acontece de modo recorrente. Se retrocedermos um pouco no tempo, na passagem do período medieval para o período moderno, observaremos o mesmo fenômeno, ou seja, vamos encontrar, simbolicamente, na passagem entre esses períodos históricos, um "Pai" tirânico e despótico medieval (representado pelo conhecimento religioso, ligado ao céu), que também controlava a "Mãe" (representado pelos conhecimentos tradicionais, ligados a terra) e oprimia os filhos (os indivíduos que viviam sob essa dinâmica nas sociedades da época). Esses filhos se voltaram contra o Pai (o conhecimento/poder religioso) e unidos reivindicaram o poder para si, matando o Pai despótico e colocando um "outro Pai" em seu lugar, simbolizado pelo novo conhecimento, ou seja, a ciência.

Uma etapa dessa revolta pode ser identificada, por exemplo, no renascimento, que nada mais foi do que a tentativa de retomada dos valores do antigo mundo greco-latino, que culminou com a subida ao poder do "novo Pai", a ciência, sendo visível o intento desse "novo Pai" de "tomar a Mãe para si", visto que iniciou seu legado patriarcal de um modo mais ligado aos ideais da Natureza. Isso pode ser constatado observando-se que os primeiros modelos de ciência que surgiram nesse período eram das ciências ligadas a terra e a natureza, como a física, a química e a biologia. Romanticamente podemos dizer que o "Pai ciência" desejava a "Mãe natureza". Entretanto, aos poucos, esse novo Pai vai se distanciando de seus interesses iniciais (que eram o de conhecer e se harmonizar com os conhecimentos tradicionais), e ao tomar contato com o poder que agora possuía começou a exercer as características de um tirano, legitimando novos modelos de exploração econômica e social, exigindo controle, produção e ordem na sociedade, que serão, sobretudo, identificados no controle e ordem individual dos corpos de cada pessoa, ou seja, pelo controle dos seus modos de investimento libidinal.

Tal configuração, incluindo aqui, o fortalecimento da instituição familiar nuclear, bem como, da vida privada sobre a vida comunitária, fez surgir nos indivíduos uma exacerbação do Eu. Assim, a sociedade moderna que enfatizou certas características culturais como, por exemplo, a busca pela ordem, classificação, catalogação, purificação e universalização fez, como afirmam Fuks (2011) e Lazzarini (2006), surgir um período histórico que pode ser entendido em termos de metapsicologia como um período de supremacia do Eu sobre o Isso, como um período de supremacia das exigências culturais sobre os impulsos naturais.

Entretanto, o que num primeiro momento pode ter sido uma supremacia do Eu sobre o Isso aos poucos foi se modificando para uma supremacia do Super Eu sobre o Eu e o Isso,

devido ao aumento das exigências culturais legitimadas pelo domínio cada vez maior do discurso racional científico, produzindo os padrões de defesa neurótica típicos do período moderno como salienta Kehl (2009). Tal fato, na verdade, não representa nenhuma surpresa para uma compreensão psicanalítica sobre os processos civilizatórios, pois pode ser entendido metaforicamente, como o domínio e o controle descritos por Freud (1913/2006 e 1930/2006), de um Pai totêmico (um tipo de saber, no caso, o saber científico) sobre todos os filhos (os indivíduos da sociedade).

Com as repressões se ampliando gradativamente, apresentando fortes restrições impostas por padrões culturais cada vez mais rígidos, marcados pela supervalorização de símbolos sociais e culturais (o que pode ser facilmente observado nos movimentos totalitários que surgiram na primeira metade do século XX), podemos considerar que ocorreu uma reação por parte dos indivíduos ("os filhos", inconscientemente impulsionados pelos desejos reprimidos) contra essas repressões, culminando num rompimento com esses padrões e no surgimento de um novo período chamado pós-moderno. Embora não haja um consenso sobre em qual momento histórico se inicia o período pós-moderno, a maioria dos autores concorda que as principais manifestações que marcaram esse período (e que chegam até a atualidade) estão registradas a partir da segunda metade do século XX.

Ao contrário do período moderno, no qual as principais características eram a forte organização social com estruturas sólidas e bem delimitadas, o período pós-moderno vai se caracterizar justamente pelo inverso, ou seja, pela fluidez, falta de delimitações claras e a diluição do poder antes centralizado em sólidas instituições sociais, Bauman (2001), Harvey (2010) e pelo esfacelamento da vida intima, Wanderley (1999). Também é nessa perspectiva que Birman (1999), configura a pós-modernidade com um aspecto sombrio e negativo, caracterizando-a como o império do vazio e do efêmero. Nesse sentido, de acordo com Birman (1999) e Harvey (2010) o período pós-moderno vai surgir como uma reação crítica ao período moderno. Crítica essa, que ganhou corpo pela negação dos padrões sociais e das instituições desse período. Porém, essa reação não colocou novos objetos de identificação (símbolos) no lugar daqueles que foram rejeitados (como ocorreu na passagem do período medieval para o moderno) e, nesse sentido, observa-se que essa situação contribuiu para lançar o Homem pós-moderno no universo do vazio e do desamparo, no qual palavras como "incerteza", "resto", "risco", "falta", "narcisismo" aparecem como a melhor forma de representação dos sentimentos desse Homem.

O fenômeno do narcisismo: uma tipologia pós-moderna.

Em relação ao fenômeno do narcisismo, o mesmo pode ser compreendido basicamente como uma configuração psíquica formada em um indivíduo a partir das relações que este estabelece com o mundo externo. Porém, devido ao alto grau de incidência dessa configuração na sociedade pós-moderna, o narcisismo ganha o status de uma tipologia que caracteriza dessa sociedade, Lazzarini (2006), Monti (2008) e Wanderley (1999), do mesmo modo que a neurose caracterizou a sociedade moderna, Lazzarini (2006). De acordo com Lazzarini (2006), embora Freud não tenha formulado especificamente uma teoria sobre o narcisismo, seus estudos colaboraram para compreender os aspectos do funcionamento mais primitivo do psiquismo de uma criança no tocante ao processo de separação/individuação com o adulto. Por analogia, esses estudos também contribuem para compreender como ocorre o processo de separação/individuação do indivíduo em relação à sociedade (ou mais especificamente em relação aos símbolos instituídos pela cultura, principalmente no tocante ao "ideal do Eu"). Nesse sentido, torna-se conveniente entender um pouco mais sobre como ocorre o processo de formação do narcisismo no indivíduo para compreender sua manifestação na sociedade.

Em seu estudo sobre narcisismo Freud (1914/2006), teve que rever alguns conceitos centrais para a Psicanálise, como a questão da relação com o objeto, a libido do Eu e a libido do objeto. De acordo com Lazzarini (2006) ao debruçar-se novamente sobre essas questões, Freud acabou caracterizando o narcisismo como uma dimensão do processo de desenvolvimento normal do organismo, localizada entre o auto-erotismo e o amor objetal, sendo esta, uma dimensão estruturante do psiquismo humano.

O narcisismo é estruturante devido ao seu caráter de unificação das pulsões auto-eróticas que, no começo do desenvolvimento psíquico, estão dispersas devido a indiferenciação entre a criança e a mãe (objeto). Dessa maneira, o narcisismo contribuirá fundamentalmente para a organização do Eu fazendo com que a libido se concentre em torno do sujeito. Nesse sentido, o narcisismo se caracteriza como um processo no qual a libido é investida sobre o Eu, sendo entendido como uma etapa do desenvolvimento normal do indivíduo. Entretanto, em alguns casos o indivíduo pode se fixar nessa etapa evitando dar prosseguimento ao desenvolvimento considerado normal (ou seja, lançar a libido para fora, sobre outros objetos), dando origem assim a padrões de organização psíquica que podem ser considerados inadequados ou patológicos.

O narcisismo então, de acordo com Freud (1914/2006) vai ser classificado em dois tipos, o primário e o secundário. O primário será considerado como uma etapa do desenvolvimento

normal e o secundário como um indicador de um desvio do desenvolvimento esperado da libido, o que, dependendo da configuração que assuma pode ser considerado patológico. O narcisismo primário, desse modo, vai se caracterizar pela concentração da libido em torno de um Eu rudimentar que está no início de sua formação, dando a noção de unidade a esse Eu, permitindo que este estabeleça uma relação de diferenciação com o objeto. Por outro lado, o narcisismo secundário, vai se caracterizar pela retirada da libido do mundo externo e pelo reinvestimento desta novamente sobre o Eu, numa espécie de retrocesso do investimento libidinal. Tal situação vai se configurar como um impedimento do desenvolvimento considerado normal, podendo chegar ao grau patológico, pois dificultará o estabelecimento de relações com o mundo exterior (a diferenciação entre o dentro e o fora, entre o sujeito e o outro), visto que, o objeto de amor, de investimento libidinal, não se encontra fora (no objeto), mas sim dentro, no próprio Eu.

Na obra de Freud não está delimitado de modo claro o que faz (um fato específico), com que o indivíduo desista de investir sua libido fora (no objeto) e passe a reinvesti-la novamente dentro (no Eu), o entendimento proposto por Freud é de que a libido retorna para o Eu devido a frustrações da criança em relação ao objeto em si, que não se apresentaria como um objeto suficientemente interessante para sustentar um investimento libidinal. Nesse sentido, podemos observar que o contato com um objeto que não satisfaz plenamente, que está esvaziado de afeto, que é incapaz de aliviar as tensões que a criança sente, fará com que esta reverta o fluxo de investimento libidinal. Esse objeto, no qual a criança não consegue fixar a libido, é o que metaforicamente foi chamado por Green (1998 e 2008) como "a mãe morta", ou seja, uma mãe que embora fisicamente esteja presente não o está emocionalmente (quer pelo excesso ou pela falta de investimento sobre o bebê), o que faz com que este não consiga encontrar um "lugar" onde fixar sua libido lançando-a então, novamente sobre o próprio Eu. É interesse notar que quando isso acontece o objeto (o outro, o externo, o mundo), adquire um caráter simbólico específico de algo vazio, insuficiente ou privador conforme afirma Green (2008), sendo estas, as principais marcas que encontramos na sociedade pós-moderna de acordo com Birman (1999 e 2006), Fuks (2011) e Kehl (2005).

Outro ponto interessante que precisa ser destacado nesse momento é a observação referente a sobre qual "Eu" a libido que não encontrou satisfação no objeto retorna. Em relação a isso Freud (1914/2006), argumenta que a libido que retorna do objeto se fixa no Eu buscando uma satisfação, porém esse Eu por ser ainda muito rudimentar e pouco estruturado, surgindo então diferentes possibilidades de fixação. Nesse sentido, a libido pode se fixar sobre três modalidades diferentes de Eu no indivíduo: O "Eu" que ele é, o "Eu" que ele foi ou o "Eu" que ele gostaria de ser. Cada uma dessas possibilidades de fixação invariavelmente contribui para

estruturar diferentes modos do indivíduo lidar com o mundo, fazendo surgir diversas possibilidades de manifestações psíquicas de base narcísica.

Em relação a isso, é importante destacar também que apesar da libido ser reinvestida no Eu, isso não irá necessariamente fortalecê-lo, como demonstrou Green (1998). Visto que a libido foi retirada dos objetos externos, o Eu terá dificuldade em estabelecer relações com a realidade, tendo então, dificuldade em equilibrar as demandas do "princípio do prazer" e do "princípio da realidade". Tal situação faz com que o indivíduo (e conseqüentemente, a sociedade), apresente dificuldade em conter os impulsos do Isso que buscará o tempo todo realizar o princípio do prazer, o que, por exemplo, na sociedade pós-moderna pode ser identificado por suas características hedonistas, como argumenta Lipovetsky (2005).

A transmissão de sistemas simbólicos na sociedade e a formação do narcisismo.

No desenvolvimento de uma sociedade ocorre a transmissão de símbolos e valores culturais de uma geração para outra. Esse fato pode ser percebido já em Freud (1914/2006), quando este descreve a atitude dos pais que projetam sua libido sobre a criança, estando essa ação na base do desenvolvimento do narcisismo primário. Tal relação entre gerações, modulada por uma espécie de "pacto narcisista" como argumenta Monti (2008), pode ser entendida como a gênese mais básica do processo de socialização, devido a transmissão de elementos simbólicos.

Entretanto, ao se referir sobre o processo de socialização entre gerações, Nicolaci-da-Costa (1985) faz referência ao fato de que em todo processo socializatório existe, pelo menos em potencial, a possibilidade de ocorrer uma descontinuidade dos sistemas simbólicos que são internalizados pelo sujeito. Tal descontinuidade, de acordo com a autora, apresenta intensidade menor em sociedades consideradas menos complexas, que contam ainda com rituais bem estruturados e outros mecanismos de integração e transmissão simbólica entre as gerações. Porém, em sociedades complexas, como as sociedades industriais, nas quais existe um elevado grau de divisão do trabalho, de distribuição do conhecimento social, bem como, um enfraquecimento do poder integrador das relações de parentesco, essa transmissão de sistemas simbólicos fica prejudicada, o que pode dificultar a perpetuação dos valores de gerações anteriores pelas gerações mais atuais.

Um exemplo dessa situação exposta por Nicolaci-da-Costa (1985) é o que encontramos hoje na sociedade pós-moderna, na qual, a dificuldade na perpetuação dos sistemas simbólicos oriundos da sociedade moderna (devido ao enfraquecimento, diluição ou modificação das

instituições sociais como a família, por exemplo), lança os indivíduos em um vazio, favorecendo o surgimento de estruturas narcísicas em casos limites como descrevem os trabalhos de Birman (2006), Kehl (2005) e Roudinesco (2000). Nesse sentido, para compreender melhor esse fenômeno da contemporaneidade, ou seja, da diminuição ou enfraquecimentos dos sistemas simbólicos, é conveniente compreender um pouco mais como ocorre esse processo de transmissão de conteúdos psíquicos entre gerações.

Em um artigo sobre transmissão psíquica geracional, Santos e Ghazzi (2012) explicam que esse campo de estudos busca "responder a uma clínica de casos conhecidos como casos difíceis, com ênfase nos estados patológicos de luto, traumatismos, sofrimentos narcísicos e expressão de perversão", (SANTOS E GHAZZI, 2012, p.636). Seguindo uma abordagem lacaniana, Santos e Ghazzi (2012) defendem que o processo de transmissão psíquica entre gerações ocorre não apenas por meio de processos conscientes, mas, sobretudo, por meio de processos inconscientes, entendendo o inconsciente estruturado como linguagem. Assim, é na linguagem, no campo simbólico, onde fundamentalmente ocorre o processo de transmissão psíquica, sendo esse processo, portanto, entendido como uma incorporação inconsciente por meio de significantes culturais de elementos simbólicos passados de uma geração à outra.

Toda família, portanto, toda sociedade, possui significantes adquiridos por meio de uma ordenação simbólica cujos significados específicos, são associados de acordo com a vivência que os indivíduos têm com esses significantes. Essa significação irá depender das relações que o indivíduo estabelece durante sua vida com os significantes que recebe e, dependendo de como são estabelecidas tais relações, o significado de um símbolo pode ser preservado, fortificado, enfraquecido ou totalmente esvaziado. Como afirmam Santos e Ghazzi (2012, p.637), "recebemos determinado significante (podemos pensar algo transmitido pela família), mas, a partir do que dele decodificamos, alteramos a utilização anterior do signo lingüístico, ficando o significante e a sua significação dependentes da livre escolha do sujeito". Escolha essa, que ocorre de modo inconsciente.

Nesses termos, a estrutura do psiquismo de um indivíduo vai se formando a partir das relações inconscientes que este realiza com os significantes ditos (e não ditos) pela sua família, pela sua sociedade, dentro do universo simbólico da sua cultura. É nessa perspectiva que Lacan explica como se constitui a intersubjetividade por meio do campo simbólico:

> A intersubjetividade é, de início, dada pelo manejo simbólico, e isso desde a origem. Tudo parte da possibilidade de nomear, que é, ao mesmo tempo, destruição da coisa e passagem da coisa ao plano simbólico, graças ao que o registro propriamente humano se instala. É daí que se produz, de maneira mais e mais complicada, a encarnação do simbólico no vívido imaginário. (LACAN, 1998, p. 250).

Nesse sentido, a configuração psíquica de um indivíduo perpassa pelo tipo de relação que ele estabelece com o universo simbólico da sua cultura, ou nas palavras de Santos e Ghazzi (2012, p.640) "O sujeito vai construir suas significações a partir de uma rede simbólica anterior e exterior a ele". Nessa perspectiva, podemos conjecturar que se o indivíduo, por meio de sua estrutura familiar ou social, entra em contato com símbolos fortes, compactos, maciços, tenderá a estruturar seu psiquismo em torno dessas características simbólicas. Entretanto, se esse mesmo indivíduo entra em contato com símbolos esvaziados de poder, esmaecidos, dúbios, tenderá a estabelecer outro tipo de relação e assim, por exemplo, não buscará a identificação ou submissão a esses símbolos (como é típico do padrão neurótico), mas sim, evitará o contato ou o fará de forma superficial e pouco efetiva (devido ao fato desses símbolos não fornecerem uma sensação de segurança, nutrição ou pertencimento), sendo isto, característico de estruturas narcísicas.

Considerações finais - Símbolos de uma configuração narcísica pós-moderna: um pai sem poder e uma mãe incapaz de nutrir.

Em um trabalho sobre narcisismo Green (1998), apresenta que em psicanálise, muito se fala sobre a questão do Pai morto totêmico e a relação desse Pai com a formação do Super Eu e com a castração, consideradas como elementos básicos para o surgimento da civilização. Porém, argumenta Green (1998), pouco se fala sobre a figura da "Mãe morta", que realiza uma castração anterior ao Édipo, pela privação do seio. Nessa perspectiva, para Green, a privação do objeto (no caso o seio), por uma mãe que não se faz presente estaria na base das configurações narcísicas, pois como a criança não encontra um objeto externo para investir a libido, ou seria frustrada por um objeto insuficiente, ela retorna a libido de volta para o Eu, realizando uma espécie de processo de luto.

Ainda de acordo com Green (1998), uma situação como essa faz com que o indivíduo tenha dificuldade em colocar o "princípio da realidade" sobre o "princípio do prazer". Assim sendo, o fato da libido retornar sobre o Eu não faz com que o indivíduo se torne uma pessoa fortalecida ou bem estruturada, ocorre justamente o contrário, por não ter uma noção clara da realidade o Eu apresentará dificuldade em controlar os impulsos do Isso. Desse modo, essa falta de poder do Eu para controlar os impulsos do Isso poderá prejudicar as relações sociais do indivíduo com outras pessoas, colocando em risco, inclusive, o próprio projeto de civilização.

Apesar de não ter sido sua intenção, com sua argumentação Green (1998), acabou colocando ontologicamente a figura da Mãe morta no mesmo patamar do Pai morto totêmico (ou seja, um elemento mítico cultural que influi na forma de integração psíquica do indivíduo), sendo que ambos se fazem presentes na vida do sujeito por meio daqueles ocupam o lugar da Figura Paterna e Figura Materna no núcleo familiar.

Tomando isso como base, façamos uma analogia entre o percurso do desenvolvimento do psiquismo de um indivíduo e a tipologia psíquica de uma determinada sociedade, tomando como base também a argumentação de Lasch (1983), que enfatiza que nas imbricadas relações entre a vida pública e a privada qualquer ação em uma dessas esferas irá, necessariamente, interferir na outra. Tal como Freud (1913/2006) que estabeleceu uma relação entre o pensamento mágico da criança e mentalidade dos "povos primitivos", é possível estabelecer na atualidade uma relação entre as dimensões narcísicas da criança e a tipologia narcísica da sociedade pós-moderna, que acreditamos vai se estruturar, entre outras coisas, a partir da dificuldade que o indivíduo (ao longo de sua vida) terá para fixar sua libido nos símbolos culturais existentes, fazendo com que esta se volte sobre ele próprio.

Situações análogas a esta (de padrões de estruturação psíquica se refletindo nos modos de funcionamento da sociedade), sempre ocorreram ao longo da história, a tal ponto que podemos explicar de modo metafórico nosso desenvolvimento civilizatório a partir da dinâmica da tríade familiar: Padrões culturais, ou simplesmente, a cultura (o Pai) se impõem sobre modos naturais de viver, ou simplesmente, a natureza (a Mãe), que são compartilhados por indivíduos (os filhos), de modo semelhante ao que argumentou Freud no mito da horda primitiva. Com o tempo os indivíduos se revoltam contra a cultura e realizam ações compatíveis a de uma tentativa de volta a natureza. Porém, isso acaba se tornando uma ameaça de aniquilamento total da sociedade organizada e por essa razão um novo poder centralizador, um novo padrão cultural surge, coloca tudo em harmonia e equilíbrio momentâneo em seguida começa a impor novas formas de repressão e o ciclo recomeça.

Uma manifestação clara de todo esse processo ocorrendo em um curto espaço de tempo pôde ser observado, por exemplo, na revolução francesa em 1888, entretanto, podemos ver essa dinâmica em ação ao longo de toda a história da civilização ocidental. Vimos isso, por exemplo, na Grécia Clássica onde o Pai foi a "Polis", em Roma onde o Pai foi o "Império", na idade média onde o Pai foi a "Igreja" (conhecimento religioso), e no período moderno onde o Pai foi a "Ciência". Entretanto, uma questão se apresenta agora, perante o homem contemporâneo: Como podemos ver essa manifestação no período pós-moderno? Onde está o a "figura do Pai" e a "figura da Mãe" em nossa cultura ocidental contemporânea?

O que vai ser novidade para nós na sociedade pós-moderna é que esse "Pai" do período moderno ainda não foi metaforicamente assassinado por seus filhos numa tentativa de usurpar o seu lugar, como ocorreu ao longo da história. Ao invés disso o Pai permanece o mesmo, porém não do mesmo modo. O Pai moderno (a ciência) sucumbiu a ele próprio, pela sua incapacidade de controlar seu mundo (agora muito maior e mais complexo do que os mundos dos períodos históricos anteriores), o Pai não pode mais ameaçar seus filhos (indivíduos na sociedade) com a castração porque ficou impotente, se auto-mutilou, de castrador passou a um ser auto-castrado.

Na virada do período moderno para o período pós-moderno o "Pai" (a ciência moderna) não foi morto, tanto que muitos estudiosos têm dificuldade em encontrar "pontos históricos exatos" que marquem o surgimento da pós-modernidade, enquanto outros ainda vão considerar que o que estamos vivendo é uma modernidade tardia como mostra Birman (2006). O Pai não foi assassinado por "filhos usurpadores", ele continua vivo (agora transfigurado em ciência contemporânea), porém sem o poder total e absoluto de outrora. Uma coisa inédita aconteceu na história da humanidade, dessa vez o Pai não foi morto e substituído por outro que desejava tomar seu lugar, ao invés disso, ele mesmo se castrou, ele mesmo se declarou impotente para explicar e controlar tudo que está a sua volta.

Temos agora um Pai impotente que, antes de se castrar nos deixou também como legado, uma Mãe humilhada (praticamente uma "Mãe morta"), próxima a ideia de "mãe morta" apresentada por Green (1998 e 2008). Essa é uma metáfora que utilizamos para nos referir a nossa ciência que no período moderno, praticamente desqualificou os conhecimentos tradicionais (da natureza), com a promessa de que iria responder e dar soluções para tudo, (o Pai humilhou a Mãe, a ciência humilhou a tradição, quase ninguém levava a sério os conhecimentos tradicionais, o senso comum virou leviandade). Mas agora, esse mesmo Pai (que se encontra modificado em ciência contemporânea) admite que não consegue responder a tudo como achava que conseguiria, admite que seu saber é limitado, incerto, provável, e que não pode resolver todos os problemas do mundo, que não tem certeza, nem possui a verdade absoluta como acreditava possuir no período moderno, (CAPRA, 2006) e (PRIGOGINE, 2011). Um exemplo disso pode ser encontrado na argumentação de Prigogine (2011) ao explanar sobre as revoluções científicas ocorridas no seio da Física, o que falando a partir da metapsicologia evidência como a ciência contemporânea se apresenta a humanidade como um "Pai castrado":

> Como é sabido, a mecânica quântica obteve notáveis êxitos, no entanto, setenta anos depois da formulação de seus princípios fundamentais, os debates ainda permanecem igualmente intensos e uma sensação de mal-estar é compartilhada por seus maiores especialista. Richard Feynman confessou um dia que ninguém "compreende" a teoria quântica! Este caso é único na Historia das Ciências. (PRIGOGINE, 2011, p.49).

Nesse ponto, convém que se faça um esclarecimento. Tomar o conhecimento científico e o tradicional como exemplos das figuras simbólicas de Pai e Mãe na sociedade e afirmar que estas influenciam as formas de desenvolvimento psíquico do indivíduo pode parecer uma super-generalização. Porém, neste ponto, toma-se como referência a afirmação apresentada por Souza-Santos (2015), de que a ciência ocupou o status de mito moderno, de possuidora da verdade. Tendo sido a ciência, no período moderno, entendida como a possuidora única da verdade, é fácil compreender porque a ciência ocupou na civilização ocidental desde o século XVII o lugar simbólico do Pai. Por sua vez o conhecimento tradicional sempre ocupou o lugar simbólico da Mãe, visto (dentro das culturas patriarcais), sempre ter sido controlado e dominado pelos saberes que ocuparam o poder central desde a Grécia clássica, considerada o berço de nossa atual civilização.

A partir disso, consideramos que a ciência contemporânea (a ciência produzida a partir do século XX) configura-se como um "Pai castrado por ele mesmo", pois nenhum outro tipo de saber (ou fenômeno) suplantou o poder do conhecimento científico desde o período moderno (como aconteceu em outros momentos históricos). O conhecimento científico foi abalado na primeira metade do século XX quando teorias vindas de dentro da ciência (não houve um ataque externo) começaram a questionar seus próprios paradigmas. Um exemplo desses questionamentos que abalaram o poder do conhecimento absoluto da ciência (Pai) foi a revolução ocorrida na física que fez surgir, por exemplo, a Teoria Quântica, a Teoria da Relatividade e a Teoria da Incerteza, que fizeram com que a física (e conseqüentemente toda ciência), fosse atingida em suas "certezas absolutas" parando de trabalhar com a ideia de "verdade" passando a utilizar a ideia de "probabilidade" como salientam Capra (2006), Morin (2010) e Souza-Santos (2015)[1].

O Pai ficou fraco, a Mãe ausente, o que simbolicamente representa para o homem pós-moderno ter que viver no vazio, na incerteza, no limite, pois os conhecimentos que a sociedade possuía vindos da tradição (Mãe) foram considerados superstições inferiores pela ciência (Pai) e, posteriormente, o próprio Pai assume não ser capaz (com toda certeza) de fornecer os conhecimentos, a segurança e os valores necessários para que a sociedade possa se ver afastada de suas angustias em relação à realidade. Assim, qualquer indivíduo nascido a partir do período pós-moderno possui, cada vez menos, (socialmente falando) um objeto (uma instituição cultural simbólica) de admiração, amor e/ou temor no qual deseje se identificar ou se diferenciar por meio de investimentos libidinais. Não existe mais na sociedade o poder centralizador total do

[1] É claro que esta não foi a única causa para a mudança de paradigmas na ciência, mas o exemplo é colocado aqui apenas como uma forma de ilustração.

Pai (ciência) ou da Mãe (tradição), que possa assumir para si o status de "possuidor da verdade" como existiu em outros períodos históricos. Por conseqüência, as instâncias intermediárias da sociedade que representam esses poderes estão extremamente enfraquecidas, como por exemplo, a família, na qual os indivíduos que ocupam o lugar simbólico da figura paterna e materna refletem essa falta de poder, esse colapso cultural, ou como argumenta Wanderley (1999, p.39) "os pais perderam o direito de educar seus filhos e são induzidos a consumir os serviços dos tecnoburocratas da sociedade do bem-estar".

Ainda corroborando esse pensamento, de acordo com Cardoso e Garcia (2010, p. 68) "o indivíduo contemporâneo vem se constituindo em um contexto em que a lei moral e a tradição se tornaram frágeis enquanto indicadores da maneira de como melhor proceder, tanto na esfera pública quanto na privada". Na unidade familiar encontramos na atualidade indivíduos assumindo o lugar da figura do Pai e da Mãe de modo enfraquecido, ou poderíamos dizer "quase mortos". Dentro dessa configuração sociocultural, podemos especular que uma criança que nasça nesse ambiente terá maiores dificuldades em encontrar opções (ao longo do seu desenvolvimento), de identificação social onde possa projetar sua libido e acabará por voltá-la para si própria, favorecendo o surgimento de um padrão de psiquismo narcísico, ou como diria Calligaris (1996, p.36), "tal configuração social/familiar faz surgir um grupo social mais interessado nos valores reais do que nos valores simbólicos".

O que é verdade para o microuniverso da unidade familiar, também é verdade para o macrouniverso da sociedade, a libido de todos os indivíduos não está mais sendo investida nas instituições sociais na mesma proporção que ocorreu em gerações anteriores, configurando o que Nicolaci-da-Costa (1985) denominou como "descontinuidade socializatória", ou seja, está ocorrendo o fenômeno contemporâneo de que os indivíduos não conseguem realizar (ou realizam parcialmente), a internalização plena dos sistemas simbólicos da sociedade. Esse fenômeno também é destacado por Wanderley (1999), que argumenta que a essência dessa atitude reside no embotamento do poder de discriminação, que não significa uma incapacidade de discriminar, mas sim, um estado de ânimo em que o valor atribuído as coisas e as pessoas fica nivelado. Pode-se supor então, que essa dificuldade em internalizar os sistemas simbólicos seja decorrente da dificuldade dos sujeitos em fixarem suas libidos nesses símbolos culturais externos (valores morais, pátria, família, trabalho), já que esses símbolos culturais estão esvaziados de poder.

Tal situação acaba fazendo com que os indivíduos da sociedade (pais, por exemplo, no núcleo familiar), se tornem inseguros, temerários, sem saber ao certo como agir. Assim, como afirma Fuks (2011), serão adultos que apresentaram falhas na capacidade de reconhecer as

necessidades da criança, colocando-se como figuras idealizadas distantes, dificultando que se apresentem como objetos de identificação. Em outras palavras, o esvaziamento de poder dos símbolos culturais acaba esvaziando de poder também dos símbolos internos do núcleo familiar (figura paterna e materna) fazendo surgir as configurações narcísicas, sendo que, o mais preocupante dessa configuração é que esta parece estar se estabelecendo na forma de um circuito fechado autofágico. "As condições sociais predominantes tendem (...) a fazer aflorar os traços narcisistas presentes em vários graus, em todos nós. Estas condições também transformam a família, que por sua vez modela a estrutura subjacente da personalidade", (LASCH, 1983, p. 76).

Com indivíduos que apresentam configurações narcísicas surgindo cada vez mais no núcleo familiar, o grau de narcisismo da própria sociedade aumenta, podendo-se afirmar que surge uma tipologia característica desse período pós-moderno, pois nesse indivíduo (o Eu), não encontra objetos (símbolos sociais) para projetar a libido caindo assim num vazio existencial. Sendo que isso, em grande parte é causado pela perda do poder das instituições sociais, em relação às quais, no pano de fundo, está o enfraquecimento da confiança no saber científico e o descrédito no saber tradicional. Isso, por sua vez, leva a uma descrença total em relação ao mundo e ao enfraquecimento da fronteira entre as esferas pública e privada fazendo com que o "meu modo de entender a vida" seja considerado o melhor e mais confiável a ser seguido, porém com a necessidade de ser exposto ao público para obter a confirmação dos demais (já que o sujeito se sente inseguro em relação as suas escolhas). Um exemplo disso é o exibicionismo crônico que constantemente vemos em redes sociais na internet.

Como o indivíduo não encontra na sociedade símbolos onde fixar sua libido, ou como diria Nogueira (1999), não encontra um ideal para o Eu, a libido, que não encontra onde se fixar retorna para o Eu. Porém, em muitos casos (o que cada vez mais se vê em nossa sociedade), além de haver falhas na construção do ideal do Eu, parece que também existem falhas significativas no Eu ideal construído pelo investimento libidinal dos pais (talvez pela própria configuração da estrutura familiar).

Nesse sentido, vemos cada vez mais em nossa sociedade contemporânea, que esse Eu (o Eu que indivíduo realmente é) também não possui poder suficiente para garantir a satisfação libidinal e o sujeito acaba por projetar sua libido em uma das outras duas possibilidades descritas por Freud (1914/2006): no "Eu que um dia foi" ou no "Eu que gostaria de ser", com um fraco contato com a realidade, acarretando em dificuldades para controlar a relação entre o "princípio do prazer" e o "princípio da realidade", como argumentou Green (1998). Assim, o que observamos na sociedade pós-moderna, é que devido a símbolos e instituições sociais

enfraquecidas (o que metapsicologicamente equivale a dizer um "Pai" e uma "Mãe" fracos, ou inexistentes), aliado a um falso Eu inflado e enfraquecido (porque a libido não se concentra no "Eu em si", mas no "Eu que foi" ou no "Eu que gostaria de ser"), com pouca capacidade de conter o princípio do prazer, praticamente não existem mecanismos psicológicos que segurem os impulsos do Isso, o que contribui (junto a outros fatores políticos, econômicos e sociais), para que a sociedade pós-moderna apresente a marca do narcisismo, ou seja, uma sociedade impulsiva, altamente sexualizada, esvaziada de significados e com consultórios lotados de pacientes diagnosticados como casos limites.

THE SYMBOLIC DEFICIENCY IN POSTMODERN SUBJECTIVITY: THE FOUNDATION FOR A NARCISSISTIC SOCIETY

Abstract
Currently, the high degree of occurrence of narcissistic pathologies, has caused much researchers in the fields of psychology and psychoanalysis consider narcissism as a psychological typology characteristic of postmodern society. Aiming to broaden and deepen, from a psychoanalytic perspective, the understanding of the relationship between these two phenomena, narcissism and society, this study raises the hypothesis that the emergence of the high degree of narcissism in postmodern society is to one of its factors emptying the power of scientific knowledge and traditional knowledge that symbolically can be understood as paternal and maternal figures in today's society. Assuming that a psychic type of society develops in the same way to the psychic development of the individual, we discuss how the symbolic power of the Father and Mother is decelerating since the second half of the twentieth century, to the point that the institutions social can no longer fully configure how objects identification and libidinal satisfaction.

Key words: Psychoanalysis, Narcissism, Post-Modernity, Symbolic.

LA DEFICIENCIA SIMBÓLICO EN LA SUBJETIVIDAD POSMODERNA: LA BASE PARA UNA SOCIEDAD NARCISISTA.

Resumen
Investigadores tanto Actualmente, el alto grado de ocurrencia de patologías narcisistas, ha causado en los campos de la psicología y el psicoanálisis consideran narcisismo como una tipología característica psicológica de la sociedad posmoderna. Con el objetivo de ampliar y profundizar, desde una perspectiva psicoanalítica, la comprensión de la relación entre estos dos fenómenos, el narcisismo y la sociedad, este estudio plantea la hipótesis de que la aparición del alto grado de narcisismo en la sociedad postmoderna es uno de sus factores de vaciado el poder del conocimiento científico y el conocimiento tradicional que simbólicamente se puede entender como figuras paternas y maternas en la sociedad actual. Suponiendo que un tipo psíquico de la sociedad se desarrolla de la misma manera que el desarrollo psíquico del individuo, se discute cómo el poder simbólico del Padre y la Madre está desacelerando desde

la segunda mitad del siglo XX, hasta el punto de que las instituciones social puede configurar ya no completamente como objetos de identificación y satisfacción libidinal.

Palabras clave: Psicoanálisis, Narcisismo, Postmodernidad, Simbólico

Referências

BAUMAN, Z. *Modernidade Líquida.* Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BIRMAN, J. *Arquivos do Mal-Estar e da Resistência***.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

BIRMAN, J. A Psicopatologia na Pós-Modernidade: as alquimias no mal estar da atualidade. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, v.2, n.1, p. 34-49, 1999.

CALLIGARIS, C. *Crônicas do Indivíduo Cotidiano*. São Paulo: Ática, 1996.

CAPRA, F. *O Ponto de Mutação.* São Paulo: Cultrix, 2006.

CARDOSO, M. R.; GARCIA, C. A. *Entre o Eu e o Outro: espaços fronteiriços***.** Curitiba: Juruá, 2010.

FIGUEIREDO, L. C. *As Diversas Faces do Cuidar: novos ensaios de psicanálise contemporânea*. São Paulo: Escuta, 2009.

FREUD, S. 1905. *Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade.* Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. v. VII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____. 1913. *Totem e Tabu*. Em: Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. v. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____. 1914. *À Guisa de Introdução ao Narcisismo.* Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____. 1923. *O Ego e o Id*. Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. v. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____. 1927. *O futuro de uma ilusão*. Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. v. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____. 1930. *O Mal-Estar na Civilização*. Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. v. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FUKS, M. P. Questões Teóricas na Psicopatologia Contemporânea. In: FUKS, L. B.; FERRAZ, F. C. (Org.). *A Clínica Conta Histórias*. São Paulo: Escuta, 2011.

GREEN, A. *Organizações para uma Psicanálise Contemporânea: desconhecimento e reconhecimento do inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago; São Paulo: SBPSP - Depto.de Publicações, 2008.

_____. *Narcisismo de Vida, Narcisismo de Morte*. São Paulo: Escuta, 1998.

HARVEY, D. *Condição Pós-Moderna*. São Paulo: Loyola, 2010.

KEHL, M. R. *Sobre Ética e Psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. *O Tempo Cão: a atualidade das depressões.* São Paulo: Boitempo, 2009.

LACAN, J. *Os Escritos Técnicos de Freud.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LASCH, C. *A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio.* Rio de Janeiro: Imago, 1983.

LAZZARINI, E. R. *Emergência do Narcisismo na Cultura e na Clínica Psicanalítica Contemporânea: novos rumos, reiteradas questões.* 2006. 194 f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura) Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

LIPOVETSKY, G. *A era do vazio: ensaios sobre o individualismo*. São Paulo: Manole, 2005.

MONTI, M. R. Contrato Narcisista e Clínica do Vazio. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, v.15, n.2, p. 239-253, 2008.

MORIN, E. *Ciência com Consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

NICOLACI-DA-COSTA, A. M. Mal-Estar na Família: descontinuidade e conflito entre sistemas simbólicos. In: FIGUEIRA, S. A. (Org.). *Cultura da Psicanálise*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

NOGUEIRA, A. M. P. Narcisismo e Suicídio: o problema do ideal na experiência psicótica. *Psicologia Teoria e Pesquisa*, v.15, n.3, p. 257-263, 1999.

PRIGOGINE, I.; STENGERS, I. *A Nova Aliança: metamorfose da ciência.* Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1991.

PRIGOGINE, I. *O Fim das Certezas: tempo, caos, e as leis da natureza.* São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 2011.

REICH, W. *Psicopatologia e Sociologia da Vida Sexual*. São Paulo: Global, 1980.

_____. *Análise do Caráter*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

REY-FLAUD, H. Os Fundamentos Metapsicológicos de "O Mal-Estar na Cultura". In: RIDER, J. L.; PLON, M.; RAULET, G. & REY-FLAUD, H. *Em Torno do Mal-Estar na Cultura, de Freud*. São Paulo: Escuta, 2002.

ROUDINESCO, E. *Porque a Psicanálise?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2000.

SANTOS, V. O.; GHAZZI, M. S. A Transmissão Psíquica Geracional. *Psicologia Ciência e Profissão*, v.32, n.3, p. 632-647, 2012.

SOUZA-SANTOS, B. *Um Discurso Sobre as Ciências***.** São Paulo: Cortez, 2015.

WANDERLEY, A. A. R. Narcisismo contemporâneo: uma abordagem Laschiana. *Physis: Rev. Saúde Coletiva*, v.9, n.2, p. 31-47, 1999.

Data de recebimento: 02/05/16
Data de aceite: 27/07/16

Sobre os autores:

André Luiz Picolli da Silva é Psicólogo e Mestre em Psicologia, Doutorando em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (UNB), Professor do Curso de Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa).Psicólogo e Mestre em Psicologia, Doutorando em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (UNB), Professor do Curso de Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa). Endereço Eletrônico: picolli@unifesspa.edu.br

Terezinha de Camargo Viana é Professora Associada do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (UNB), Coordenadora do Laboratório de Psicanálise e Subjetivação da Universidade de Brasilia. Bolsista do CNPq. Endereço Eletrônico: tcviana@unb.br